

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

“Flor do Concreto”: A importância da prática do skate para a
sociedade urbana, em Manaus/AM.

Bolsista: Juliana de Nazaré Gomes Sarmento, CNPq

MANAUS

2012

“Flor do Concreto”: A importância da prática do skate para a sociedade urbana, em Manaus/AM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0077/2011

“Flor do Concreto”: A importância da prática do skate para a
sociedade urbana, em Manaus/AM.

Bolsista: Juliana de Nazaré Gomes Sarmiento, CNPq
Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

MANAUS

2012

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas e ao seu autor. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa,-
CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.2	Descrição Metodológica.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
3.1	Uma breve descrição da história do skate.....	14
3.2	Discussões e Considerações- Etnografia- Aplicando Categorias.....	18
3.3	O skate como cultura.....	29
4	CONCLUSÃO.....	35
5	AGRADECIMENTOS.....	37
6	FONTES E REFERÊNCIAS.....	38
7	CRONOGRAMA	40

RESUMO

O projeto de iniciação científica desenvolvido focalizou a prática esportiva do skate, promovida por grupos sociais em espaço urbano, na cidade de Manaus, Amazonas. Considera-se como uma prática da transformação de grandes espaços e territórios, refletindo sobre as relações que envolvem o esporte e as formas com que a sociedade caracteriza e formaliza a imagem do “skatista”. O objetivo desta pesquisa foi investigar e analisar a forma como a prática do skate é significativa na vida social urbana, não só para o praticante do esporte, mas também para os indivíduos que estão inseridos de forma direta e/ou indiretamente ao modo de vida do “skatista”. Cabe levar em consideração também as relações com o espaço físico utilizado para a prática do esporte, seja em locais específicos e/ou nas ruas da cidade, o que é predominante. Nas ruas os obstáculos escolhidos chegam, em algumas vezes, a modificar o uso de um espaço que antes era direcionado para outras funcionalidades.

Palavras chave: Skate; Esporte, Antropologia Urbana; Cultura;

1. INTRODUÇÃO

Uma questão muito levantada atualmente é a importância da prática do esporte para o bem-estar do ser humano. O esporte¹ nos apresenta uma ampla discussão que está relacionada ao corpo, à saúde e às relações sociais e suas manifestações no comportamento do indivíduo.

Esta pesquisa teve como intuito ampliar os estudos referentes ao esporte no campo das Ciências Sociais. Os estudos referentes a este tema abrem um leque de configurações, características, definições e representações a respeito da peculiaridade de esporte. Vir a definir o esporte nesse momento não é restrito a mim, mas a uma pesquisa mais cautelosa, que necessita de um bom tempo de duração e dedicação devido sua grande diversidade e complexidade. Meu papel neste momento é reforçar os estudos referentes ao esporte, e ajudar a esclarecer a importância que o mesmo tem na sociedade urbana, especialmente em Manaus/AM. Numa infinidade de opções, optei por estudar a prática do skate², esporte que tem por si uma característica urbana peculiar, e uma forte ligação do “objeto” com o praticante que pouco percebemos nas outras atividades esportivas.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a prática do skate na cidade de Manaus e suas singularidades sobre uma perspectiva de contribuição para a formação do indivíduo. E como objetivos específicos buscou-se realizar um levantamento histórico sobre a prática do skate mundialmente e em Manaus;

¹ Fenômeno sociocultural contemporâneo realizado através de práticas corporais.

² Objeto formado por uma prancha de madeira, chamados “shapes”, dois eixos e bases, chamados “trucks” e quatro rodas, contando com o intuito de realizar manobras. Desporto que consiste em deslizar sobre o solo e obstáculos equilibrando-se com o skate.

identificar e analisar as características e contribuições que o esporte oferece à sociedade urbana.

Outras duas questões estarão presentes na pesquisa, porém, não de forma objetiva e aprofundada, como a inserção da questão de gênero, identidade e sociabilidade, também a observação das formas de uso do espaço e a relação lazer e trabalho. Por orientação do Comitê (PIBIC), foi dado ênfase nos primeiros objetivos a fim de delimitar a pesquisa.

A prática do skate, com o passar dos anos, transformou-se de uma maneira tão expressiva e afetiva que o skate, o objeto, ganhou mais significância e relação com outros âmbitos e instituições sociais, onde os fenômenos se refletem e criam dentro do grupo entre os que praticam o esporte, regras, comportamentos, vestimentas, códigos, transformando-se, para muitos, em uma instituição como, por exemplo, a família. A partir deste ponto, tratarei a prática do skate, o esporte, o grupo, da mesma forma como os próprios denominam, “o skate”, como uma categoria que engloba todas as relações inseridas na prática do skate.

O skate carrega consigo configurações que podemos pensar como culturais, uma vez que trata-se de um modo de vida, do estilo de vida do skatista, ao mesmo tempo em que é uma prática esportiva. Remete-nos também a pensar sobre a condição de apropriação e modificação do uso de um espaço; a forma com que o ambiente da cidade, do urbano, e a economia recebem a prática do skate. Tendo como foco de encontro e relações da cultura do skate, o local escolhido foi a Skate Parque Ponta Negra, uma das melhores pistas³ do Brasil, e de frequência maior entre os skatistas de Manaus.

³ Skate Parque, local onde se realiza a prática do skate. Chamada também de “pista de skate”.

Esta pesquisa nos remete a pensar nos diversos meios e relações entre um fenômeno social e a participação dos indivíduos nele. No caso do skate, essa participação ultrapassa a mera realização de uma atividade física para dar sentido a vida de seus praticantes, o que acontece tanto em termos individuais quanto sociais.

Pensar a forma com que a prática do skate se insere na sociedade urbana atual e em décadas passadas, nos remete a fazer um levantamento histórico sobre a chegada do skate no Brasil.

O *skateboard*⁴ é uma atividade esportiva que conta com uma ampla quantidade de praticantes no mundo, inclusive no Brasil. Analisar o skate de forma macro nos remete a pensar o micro primeiramente, por conta de sua grande diversidade. Nosso foco de análise foi na cidade de Manaus, localizada no Amazonas, na Região Norte do Brasil, um local onde a prática do skate conta com um histórico rico e ganha a cada dia mais adeptos.

O skate está presente por toda a cidade de Manaus, inclusive em pequenos pólos distantes, de difícil acesso. Em diversos pontos podemos encontrar locais apropriados para a atividade do skate, um dos principais e mais visados pontos é a Skate Parque Ponta Negra, localizada na Zona Oeste de Manaus. De difícil acesso para muitos bairros da cidade, mas de uma frequente e forte presença de skatistas no local.

O skate é considerado um dos esportes mais praticados no Brasil e no mundo, ficando atrás do futebol. O skate é uma espécie de instrumento necessário na infância de muitas crianças, despertando grande interesse. Na pesquisa Data

⁴O mesmo que Skate.

Folha, de 2010, publicada na revista 100% Skate- Edição #16- Ano 15, lê-se que há 3.800.000 “skatistas” no Brasil, sendo que 14% se encontram na região Norte. Em Manaus, há cerca de dois mil praticantes do skate e quatro mil simpatizantes, com perspectivas de crescimento cada vez maiores, proporcionando uma ampla fonte de análise para se pensar o significado do “skate” para os seus praticantes e sua relação com outras formas de movimentação social como a economia e as questões relacionadas a gênero, lazer e trabalho.

A discussão sobre agentes sociais, sua formação, identificação na sociedade urbana, insere-se no campo dos estudos da antropologia urbana no Brasil (Magnani, 1996, Velho, 1999, Oliven, 1987, Amaral, s/d), com base referencial nos estudos urbanos clássicos como os de Weber (1987), Simmel (1987) e Wirth (1987). Uma característica dos estudos realizados sobre esportes é a perspectiva de gênero, que estará inserida também neste estudo, com base em Grossi (1998) e Scott (1994).

A noção de esporte e as características que englobam essa questão têm como base os trabalhos de Murad (2009) e Stigger (2005), reflexões a partir das Ciências Sociais e a Educação Física.

O skate é, para muito dos skatistas, um amigo, um aliado, sendo que a partir do momento que estão em contato com o instrumento há um elo, uma sintonia entre eles, esta ligação faz com que existam diversas relações que se encontram sobre um só núcleo, sendo este, um objeto sólido, o skate. Daí se forma o título da pesquisa, “Flor do Concreto”, onde as pétalas são as relações sociais e a semente é o skate, contendo uma estrutura de características

próprias, que se manifestam junto à sociedade urbana e o concreto que a ergue.

1. Descrição Metodológica

As principais temáticas discutidas e analisadas fazem parte de uma discussão que está ligada à Antropologia Urbana, enfatizando as ações sociais dos indivíduos.

Para realizar o estudo foi proposta a realização do trabalho de campo. O método etnográfico, como método de pesquisa antropológica, consiste na escrita do pesquisador de campo. Para melhor construção teórica, o relato, a descrição é essencial para pontuar características singulares de cada grupo pesquisado.

Dentre os estudos clássicos que abordam os modos de se fazer pesquisa na Antropologia, a leitura de Malinowski (1980) nos leva a perceber que por parte do investigador deve haver um verdadeiro contato com os interlocutores da pesquisa, sem a interferência de outros indivíduos. Somente assim, haverá a possibilidade de conhecê-los e familiarizar-se com seus costumes. No entanto, cada um dos fenômenos que constituem esses costumes necessitará “ser estudado a partir do maior número possível de suas manifestações concretas” e de forma exaustiva.

Já Geertz (1989) define o método etnográfico como constituído pelo estabelecimento de relações, escolha de informantes, transcrição de textos, levantamento de genealogias, mapeamento de campo, elaboração de um diário, etc. No entanto, o autor assinala que, para além de uma questão

metodológica, o que determina esse trabalho é o tipo de esforço intelectual empregado, apresentando, assim, um risco elaborado para uma “descrição densa”.

No que diz respeito às referências sobre a pesquisa de campo no Brasil, temos Cardoso de Oliveira (1998) que define a observação participante como a responsável pela caracterização do trabalho de campo antropológico. Em “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” realiza descrição precisa das três etapas a serem realizadas pelo pesquisador, para melhor compreensão dos fenômenos. O olhar, o ouvir e o escrever se tornam essenciais para a construção de uma pesquisa antropológica. O olhar é a primeira e uma das principais respostas perante as percepções do pesquisador frente ao local a ser analisado.

O olhar é capaz de caracterizar primeiramente, as formações arquitetônicas, as relações sociais explicitamente demonstradas junto aos indivíduos. Através do olhar, o pesquisador é capaz de identificar as formas de relacionamento que justificam as ações e o tipo de sociedade que estará sendo pesquisada. Sendo também, um forte aliado ao comparar às condições de permanência junto à sociedade. Com base em estudos anteriores, nota-se o desenvolvimento do local por conta da diferenciação das construções arquitetônicas, melhorias em pontos de moradia, trabalho e lazer. Porém, o olhar não caminha só nos procedimentos da pesquisa, ao seu lado está o ouvir.

O ouvir merece uma atenção significativa, pois é por meio dele que a relação entre o lugar pesquisado e a forma como se caracterizam as noções peculiares, será realizada. Para que haja entendimento, o ouvir é a linha que

interligará as explicações fornecidas à significação do contexto de vida da sociedade analisada.

O escrever é parte importante para que o pesquisador possa identificar e durante a finalização da pesquisa possa caracterizar cada aspecto por ele detectado, fará aquilo que na Antropologia é conhecido como “o trabalho de gabinete”.

Baseando-se em Clifford Geertz, “Trabalhos e vidas: o antropólogo como autor”, podemos resgatar as noções de um trabalho de pesquisa, onde o ato de escrever é a segunda etapa da criação crítica do processo de pesquisa. O olhar e ouvir estão presentes na primeira etapa do trabalho, esta concepção parte da ideia de separar e naturalmente avaliar essas duas etapas bem distintas da investigação empírica.

A primeira implica em caracterizar a relação vivida pelo pesquisador no campo, a segunda seria uma espécie de recordar tudo o que foi trabalhado, ou seja, analisar em gabinete tudo que no decorrer da pesquisa tenha sido levantado. A noção tecnicamente crítica do pesquisador está precisamente demonstrada para que haja não só uma descrição coesiva sobre o local pesquisado, mas também uma autonomia interpretativa, referente ao estudo.

Quando pensamos dentro de uma visão da Antropologia mais contemporânea frente a uma contribuição para a etnografia, temos Velho (2003) que demonstra a importância do trabalho de campo e, assim, a necessidade do relato para compreendermos a dinâmica do contexto urbano, pois é através do trabalho de campo, com observação participante e entrevistas que o investigador irá além das aparências e identificará códigos nem sempre explícitos.

A metodologia etnográfica adotada para construção da pesquisa e estudos sobre a prática do skate abriga um abrangente processo de pesquisa e árduo trabalho, pois os pontos de estudo sobre o local e a noção de identidade do indivíduo abrangem uma linha de temas que, ao mesmo tempo em que se interligam, necessitam de uma abordagem precisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos estudos sobre os grupos urbanos, Amaral (s/d), destaca que cada grupo pode construir e reconstruir a cidade criativamente, a partir de elementos selecionados no amplo “leque de opções” disponíveis na cultura de uma dada sociedade, o que podemos perceber a partir da prática dos skatistas.

Como Magnani (2002) observa, alguns grupos urbanos, no trato com a cidade, não se mostram dispersos, não estão submersos no caos urbano, mas se apropriam de forma tal da cidade que podem não só viver nela, como ainda reconhecer seus iguais e com eles estabelecer estratégias próprias de vida, de trabalho, de aprendizado, de encontros. E isso é possível porque a cidade, principalmente na escala da metrópole, possibilita que estabeleçam seus trajetos, estruturam seus circuitos, façam escolhas.

Sobre a perspectiva da Antropologia Urbana e estudos sobre a contribuição dos grupos sociais nas cidades, podemos nos reportar a Oliven (1987), que revela como os fenômenos que estão ocorrendo em cidades, como as brasileiras se constituem num rico campo de investigação social, cujo estudo pode permitir uma melhor compreensão da cidade, enquanto contexto em que se dão e para o qual convergem diferentes processos sociais. A Antropologia

tem se revelado uma ciência capaz de contribuir significativamente para o estudo desta realidade.

O esporte poderia ser visto como uma prática social passível de ser apropriada de forma diferente em realidades específicas e, com características distintivas, se inseriria em modos de vida particulares (STIGGER, 2005. p.73)

Nos estudos relacionados à prática do skate encontramos reflexões sobre o modo de uso do espaço, a modificação que sofre e a apropriação de um local pelos praticantes.

O *skateboarding*, como atividade espontânea, costuma explorar determinado espaço físico, descobrindo possibilidades diferentes daquelas para as quais o espaço foi criado (BORDEN, 2001, p. 29). Independentemente da ideia original, qual é a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos nas ruas de Manaus? Para todos aqueles que a conhecem minimamente, com quase total segurança, seria a presença dos *skatistas*. De fato, as ruas, os monumentos, as calçadas e outros, que naturalmente não foram pensadas para acomodar dita prática, foram descobertas e apropriadas por este grupo específico.

Tratar de apropriações espontâneas do espaço público significa olhar para as expressões subversivas, contrárias à regulação, ao controle urbano e ao planejamento.

Ramoneda (2008, p.176) ressalta que estas formas de apropriação são elementos de inconstância gerados pela própria cidade, normalmente à margem das lógicas de poder e de produção, e que expressam novas formas de conflito e resistência.

No entanto, também devem ser entendidos como sinais indicativos de possíveis vias de transformação, por tratar-se de formas de expressão da

vivacidade da cidade. Mas o que significa apropriar-se? Segundo Delgado (2008, p. 192), o espaço público, enquanto espaço de todos, não poderia ser objeto de posse, mas sim de apropriação.

Apropriar quer dizer reconhecer como própria, no sentido de apropriada, apta ou adequada para algo. Borden (2001), por sua vez, acredita que a apropriação não é o simples reuso de um espaço, mas o retrabalho criativo deste espaço-tempo.

O processo de apropriação cotidiana de um espaço construído implica, portanto, certa desrealização deste espaço, sua transformação criativa, e é aí que reside a essência da vida coletiva no meio urbano (FONTES, 2010).

Em relação à compreensão sobre o emprego de esporte podemos pensar primeiramente “o que é o esporte?” As características que nos levam a pensar que podemos definir uma prática como esporte são as atividades físicas e mentais, porém, não é somente isto que define a categoria de esporte. Podemos utilizar uma definição de esporte como Barbanti(s/d) nos sugere. Com base em suas pesquisas e análises, o autor nos aponta que

“Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos” (BARBANTI, s/d p. 09).

Assim, a prática do skate é reconhecida como esporte e suas características nos ajudam a compreender o esporte de modo geral, uma vez que conta com regras, normas, habilidades, esforço físico e mental, com federações e associações que movimentam e administram a prática do skate na sociedade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Uma breve descrição da História do Skate

Não se sabe ao certo a data específica do surgimento do skate, mas acredita-se que foi por volta dos anos de 1960 na Califórnia, por adeptos do surf⁵, que fizeram do asfalto das ruas da cidade as suas ondas.

O skate chega ao Brasil, na década de 60, através de simpatizantes do esporte que conheceram “a nova sensação” nos EUA, que tomava toda a atenção de crianças, jovens e adultos que se encantavam com a novidade, com a execução das manobras. A “onda do Freestyle⁶” já dominava partes do mundo. Nesse momento o skate não era reconhecido ainda como esporte.

É com base nos praticantes dos EUA que o skate no Brasil adota mais adeptos à prática, copiando as manobras realizadas, como as de Rodney Mullen⁷, um dos atletas mais admirados na época e atualmente na modalidade Freestyle.

O skate ganha mais corpo, encontra seu auge na década de 70, onde já existem mais praticantes e simpatizantes obtendo, com o passar do tempo, novas técnicas e apropriações, sendo reconhecido como esporte a partir de então. Nessa época, com o racionamento de água nos EUA, grande parte da população foi forçada a esvaziar suas piscinas, assim se deu a modalidade

⁵ É uma prática desportiva marítimo, frequentemente considerada parte do grupo de atividades denominadas desportos radicais, dado o seu aspecto criativo, cuja proficiência é verificada pelo grau de dificuldade dos movimentos executados ao acompanhar o movimento de uma onda do mar sobre uma prancha, denominada prancha de surfe, à medida que esta onda se desloca em direção à praia.

⁶ Modalidade onde o skatista apresenta várias manobras em seqüência, geralmente no chão. O freestyle é considerado uma das primeiras modalidades do Skate. Onde os skatistas dão manobras de chão, juntando elas, dando-as em seqüências, como: flip 180, 360 flip, hardheel flip, hardflip, eles dão elas sem envolver obstáculos.

⁷ Rodney Mullen (Gainesville, 17 de Agosto de 1966), skatista dos Estados Unidos, considerado por muitos como um dos mais influentes na história do esporte (skateboard).

“Vertical⁸”. Em 1974, o Engenheiro químico Frank Nashworthy, criou o uretano, material que seria utilizado para a fabricação das rodas de skate, o que daria um novo impulso ao esporte.



Imagem 1. Skatista, por volta de 1960, EUA. Foto: Não informado. (s/d)

O skate crescia de forma significativa, revistas especializadas sobre o assunto eram criadas, como a “Skateboarder”, uma das mais importantes. Depois de anos de expansão, ocorreu a “morte” do skate, a “Skateboarder” chocou a maior parte dos skatistas, anunciando mudanças de planos e cobrindo somente assuntos sobre competições de *Biker’s*⁹.

Esta se dá, pois, neste mesmo momento. Porém, no fim dos anos 70, há uma espécie de queda do skate, por questões econômicas e apoio sociocultural, fechamento das pistas de skate, dentre outras questões, que fizeram muitos skatistas abandonarem o esporte. Porém, amantes do esporte persistiram com

⁸ A modalidade vertical é praticada em uma pista com curvas (transições), com 3,40m ou mais de altura, três metros de raio e quarenta centímetros de verticalização, geralmente possuem extensões.

⁹ Desportistas que utilizam *bike* ou bicicleta, um veículo com duas rodas presas a um quadro, movido pelo esforço do próprio usuário. Os praticantes executam manobras com graus de dificuldades nas competições.

a prática do skate, fazendo com que o fervor da modalidade “Street¹⁰” se formasse, onde as ruas, calçadas, monumentos dentre outros, se tornaram “obstáculos”, sendo apropriados para a execução das manobras.

O skate ganhava cada vez mais legitimidade, toda uma cultura ligada ao esporte se formava como as vestimentas, músicas, modo de falar, a importância dos equipamentos e peças utilizadas, os lugares frequentados, o *trajeto* feito pelos skatistas, formando um *circuito* de todas essas relações que o skate abraça.

Nos anos 80, o skate volta aos seus “bons momentos” com o surgimento de novas tecnologias que atribuíram ao skate inovações que potencializaram o esporte, a adoção das pistas em formato U- vertical- os “half pipes¹¹” trazendo consigo grandes nomes como Tony Alva, importante skatista, admirado até os dias de hoje.



Imagem 2. “Half Pipe” Foto: Fabio Minduim

¹⁰ Skate de rua (*Street*), os praticantes utilizam a arquitetura da cidade, por exemplo, bancos, escadas e corrimões e o calçamento (elementos do mobiliário urbano) como obstáculos para executar suas manobras e se expressar.

¹¹ Modalidade praticada em pistas de formato “U” podendo ser feita de material de madeira ou concreto.

Foi nos anos 90, que o skate deixou de ser somente lazer, e ganhou maior proporção como profissão, sendo sonho da maioria dos skatistas alcançar a carreira profissional no skate. No Brasil e no mundo, o profissionalismo no skate atingiu seu ápice, com grande exposição na mídia, grande oferta de marcas, produtos, programas de televisão relacionados ao esporte e à cultura da rua, surgindo campeonatos fixos, patrocinadores. Dessa forma, o skate ganhou estabilidade na sociedade e revela ao mundo grandes atletas.

Logo em seguida, o skate no Brasil sofreu sua segunda crise, com o caos financeiro provocado pelo “Plano Collor”. O mercado do skate foi afetado, marcas saíram de cena e patrocinadores deixaram de investir com tanta força no esporte. Porém, os praticantes do skate reagiram, novamente com a resistência daqueles que fizeram do skate, um modo de vida.

O skate em si, como matéria, sofreu muitas modificações desde o momento que surgiu até os tempos atuais, buscando cada vez mais inovações, técnicos aperfeiçoam os materiais utilizados para a produção dos “shapes¹²”, rodas, rolamentos, “trucks¹³” (eixo e base), parafusos, amortecedor e diversos outros componentes que fazem com que o skate possa proporcionar melhor desenvoltura para as manobras e aperfeiçoamento do atleta.

Nos anos 2000, até os tempos atuais, o skate segue de forma que a cada ano se dá o seu aperfeiçoamento. Cada vez mais busca legitimidade e espaço na sociedade, buscando o reconhecimento como um esporte de grande importância para a formação dos indivíduos que estão diretamente e/ou

¹² É a tábua de madeira que serve como base para as manobras. Composto por madeira leve e resistente disposto em folhas (madeira laminada).

¹³ São os eixos e base do skate, a parte onde se encaixam as rodas, os rolamentos e o amortecedor que ameniza os impactos de um pulo. Os trucks são geralmente confeccionados em alumínio, mas podem ser de material plástico e até mesmo de poliuretano que é o mesmo material utilizado para confecção de rodas de skate.

indiretamente ligados a ele. Homens e mulheres permanecem contribuindo para a história do skate no Brasil e no mundo, acolhendo ao seu redor crianças, jovens e adultos que fazem parte da dinâmica social deste grupo.

A cidade de Manaus acompanhou a “caminhada” do skate no Brasil. Não há data definida que determine a chegada da prática em Manaus, crê-se que por volta dos anos 70, final dos anos 60. Acompanhando de maneira mais periférica, comparada às grandes metrópoles, onde o esporte se estabeleceu e aperfeiçoou. Através de conversas e entrevistas, pude perceber que a forma com que o skate foi lidado em Manaus, décadas atrás, foi de maneira marginalizada. A prática seguiu as tendências do skate no Brasil e no mundo. A partir do ano 2000, o esporte veio a ser mais reconhecido e apoiado. Em 2002, os skatistas de Manaus “receberam” a Skate Parque Ponta Negra, que já foi considerada a melhor pista pública do Brasil e atualmente está entre as mais completas. Logo, a prática do skate em Manaus seguiu o ritmo do skate no Brasil, acompanhando a diversificação e aperfeiçoamento das manobras, e os atletas contam com um local específico e com qualidade para a prática, sem perder o “gostinho” do skate nas ruas da cidade.

3.2– Discussões e Considerações: Etnografia- Aplicando Categorias

A cidade de Manaus nos revela características peculiares. Com seus traços presentes da cultura indígena e, ao mesmo tempo, a revelação do contraste da influência europeia da “Belle Époque”, num paradoxo com as inovações do mundo moderno.

É essa dinâmica que compreende a cidade e destaca o modo de vida urbano em movimento e transformação e, ao mesmo tempo, preservando

características marcantes. Os atores sociais fazem com que isso entre em ação, tornando crucial a presença da atuação dos mesmos junto ao espaço urbano. Desenvolvendo um papel particular para cada grupo e indivíduo, demonstrando a funcionalidade dos mesmos.

Pensemos os praticantes do skate como agentes presentes na dinâmica urbana de Manaus. A prática do skate envolve a sociabilidade dos indivíduos inseridos ao grupo, a dinâmica econômica da sociedade, frente a grande oferta que tem o mercado ligado a este grupo, manifestação e busca pelo lazer e o trabalho, envolvendo também uma grande discussão quanto as relações de gênero.

Na realização da observação de campo, primeiro momento em que o olhar antropológico entra em questão, deixando um pouco de lado o olhar como desportista, encontra-se inúmeras questões, que fazem pensar a forma com que uma prática esportiva, pode movimentar tantas relações à sua volta.

Nas idas a campo, que faziam parte da minha rotina, mas que agora partiam de uma visão mais cautelosa e atenta a cada detalhe observado, pude notar a grande sociabilidade dos skatistas, a rede de amigos, a forma de se vestir, as músicas escutadas, a maneira de falar, dentre outras características, que estão diretamente ligadas ao skate. É como se o skate fosse a base de tudo, o ponto de partida.

Analisando essa relação e, assim, aplicando o uso de categorias como *pedaço*, *circuito*, *mancha*, *trajeto* (MAGNANI, 1996), que nos ajudam a compreender a dinâmica do grupo, podemos em primeiro momento, aplicar o uso da categoria *pedaço*, que designa aquele espaço intermediário entre o privado e o público,

sendo este, as pistas de skate. O Skate Parque é designado especificamente para a prática do esporte, porém encontramos *biker's* e praticantes de *Inline*¹⁴.

A principal pista de skate em Manaus é a Skate Parque Ponta Negra, localizado no Bairro Ponta Negra, Zona Oeste, de difícil acesso para os demais bairros da cidade, mas a distância não se faz obstáculo para os praticantes, é a pista mais movimentada da cidade e a que mais oferece diversidade de obstáculos para execução das manobras. Podendo ser praticado o vertical com a mini-rampa, localizada na parte de traz da pista, que é chamada como “Brooklin” e na parte da frente da pista encontramos rampas de diversos ângulos, podendo ser praticado o “street” em diversas maneiras.

A pista foi projetada pelo skatista local Adonis Perfeito, possui diversos obstáculos, porém, ainda é precária de infraestrutura para os skatista, como a falta de banheiros próximos, gratuidade de água potável em bebedouros, dentre outras formas de acolher melhor os desportistas que frequentam o local. A pista da Ponta Negra é ponto de referência e encontro dos skatistas. Os frequentadores da pista são, na maioria das vezes, conhecidos pelos outros frequentadores, inclusive os *biker's* (que frequentam a pista, em momento de pouco fluxo de skatistas, na maioria das vezes nos horários da noite) e praticantes de “Inline”, estes permanecem na pista, independente de horários e fluxo dos skatistas.

Numa pesquisa na internet encontrei um comentário do skatista Vitor Sagaz, forte agente do skate em Manaus, comentando sobre a relevância da pista na cidade. Na revista on-line “cemporcentoskate”¹⁵, um trecho:

¹⁴ *Aggressive Inline*, também conhecido como *Inline*, é um esporte radical praticado com Patins em linha.

¹⁵ Revista relacionada ao skate, pode ser encontrada de modo impresso, e também via internet. A matéria citada pode ser acessada em <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/framedigital.php?id=2398>>.

“Convidamos o skatista profissional Vitor Sagaz para comentar um pouco sobre a cena do skate manauara:

Apesar do clima quente e úmido, Manaus é a capital do skate na Amazônia. Os skatistas locais superam o clima, a falta de dinheiro e vários outros obstáculos- como acontece em qualquer canto do Brasil onde existe um skatista. A história do skate manauara foi antes e depois da pista. Nos últimos anos, os skatistas de Manaus se organizaram e, em 2002, conseguiram convencer a prefeitura a investir na construção de uma pista pública na praia da Ponta Negra. Cartão-postal com direito a pôr-do-sol e tudo o mais. Com um local adequado para andar, o esporte está crescendo e ganhando respeito. Os últimos campeonatos realizados na cidade tiveram boas premiações, grande cobertura da mídia, alto nível de manobras e um público caloroso. Para a etapa do brasileiro a pista deve sofrer mais uma reforma para receber skatistas de street. Como atleta profissional crescido em Manaus, fico feliz de fazer parte desta história de muitas quedas e dificuldades, mas cheias de evolução. Paz do Senhor”.

A Skate Parque Ponta Negra, é cenário de muitos eventos, campeonatos, encontros, práticas esportivas e grande polo de sociabilidade entre os skatistas em Manaus. Uma rede de relações é formada através desta pista. Um local onde podemos reconhecer como *pedaço* do skatista e todos aqueles que circulam no espaço são reconhecidos, aceitos sem estranhamento pelo simples fato de estar no local em busca da prática ou apreciação do esporte.

Mesmo que uma pessoa esteja entrando no espaço pela primeira vez, a condição para ser aceito como comum, e reconhecido no pedaço é o fato de estar ou não com o skate. Sendo assim reconhecido ao portar o skate, que se configura como objeto de relação, de elo. Mesmo que não seja conhecido, é acolhido como igual.

Atualmente, no ano de 2012, a pista está interditada, devido obras da prefeitura com intuito de revitalização da área de lazer da Ponta Negra. Os skatistas reclamam o fechamento de pista. Local onde acontecia a maior frequência da prática do skate em Manaus.

A falta da Ponta Negra, leva à busca de novos lugares e regate de antigos, porém, o esporte não para de avançar em termos de qualidade de atletas e manobras bem executadas.

Na pista, acontecem muitos eventos como campeonatos de skate, reuniões comemorativas dos próprios skatistas, como churrascos, onde se reúnem para beber e comer, ouvir música, conversar e apresentar vídeos e filmes relacionados ao esporte.



Imagem 3. Skatistas reunidos no “Brooklin”, Skate Parque Ponta Negra. Foto: Janaína Anjos

Existem outras pistas de skate na cidade como a “Pista da Alvorada”, localizada no bairro Alvorada, Zona Sul de Manaus. Outra pista próxima é a “Pista do 40”, que recebe esse nome pelo fato de ser localizado próximo ao “Igarapé do 40” (Igarapé dos Educandos) que foi revitalizado nos conjuntos

habitacionais, no programa do Governo do Estado, Prosamim, localizado no bairro Educandos, Zona Sul.

Outra pista de skate, a segunda mais frequentada, é a do Parque dos Bilhares, uma pista de pequeno porte, porém de mais fácil acesso para os skatistas, localizada no interior do Parque dos Bilhares, situado em uma das principais avenidas da cidade, Djalma Batista, no bairro Chapada, Zona Centro-Sul. Há outra, localizada na Vila Olímpica de Manaus, Dom Pedro, Zona Centro-Oeste, a única que é especialmente direcionada à prática da modalidade Vertical, porém, a pista encontra-se desativada, pelo difícil acesso dos skatistas.



Imagem 4. Skatista Tiago Itsuo, modalidade "Street" Foto: Pedro Gabriel, 2012.

Há outra pista localizada na Zona Leste, no bairro Amazonino Mendes, que está inserida no interior de um Centro de Convivência Familiar, como acontece com a mais nova pista de skate de Manaus, localizado na Avenida Brasil, uma das mais importantes avenidas de Manaus, que vai da Estrada da Ponta

Negra, na região do bairro Lírio do Vale, passando pelo o bairro da Compensa, e pelos bairros de Santo Antônio, Vila da Prata, Presidente Vargas e São Geraldo, além de fazer a ligação dos bairros da Zona Oeste.

Os frequentadores das pistas são, na maioria das vezes, os mesmos que frequentam as demais pistas da cidade, sendo em grande parte, conhecidos entre si pelo vínculo de amizade. O que ocorre no *pedaço* é a sociabilidade significativa e estável, diferente das relações formais e individualizadas impostas pela sociedade, sendo ampla e abrangente, o que também difere da sociabilidade fundada junto aos laços familiares.

O skate parece formar uma nova “família” (categoria que os próprios utilizam), que independe de laços sanguíneos e parentescos, mas uma família, uma relação adquirida pela convivência e o fato de compartilharem ideais e gostos similares, a partir da prática do skate.

Porém, não só as pistas de skate são caracterizadas como *pedaço*, praças como a Praça do Congresso, localizada no Centro da cidade, é parte crucial da presença do skate em Manaus. Grande número de skatistas se encontrava na praça, para praticar o esporte e participar da dinâmica local.

A Praça do Congresso, é o que podemos compreender como *mancha* da Contra Cultura na cidade de Manaus, como uma área contígua do espaço urbano, é lá que muitos grupos sociais se encontram como punks, skatistas, metaleiros, skinheads, rapper’s, poetas, pichadores, grafiteiros, hippies, moradores de rua, dentre outros, é palco de importantes eventos culturais, políticos e sociais.

Diferentes movimentos sociais utilizam a praça como ponto de concentração para manifestações populares. Um local que possui suas próprias regras, e que

quando um indivíduo está dentro desta *mancha*, é de certa forma, protegido pelas regras daquele cenário. A Praça do Congresso, atualmente está passando por um processo de revitalização, e é provável que futuramente a prática do skate no local, como ocorria tempos atrás, seja vetada.

O *trajeto* dos skatistas se dá através da forma de uso do espaço e a forma como se desloca por regiões não contíguas. O *trajeto* feito entre uma pista e outra é muito frequente. O uso das ruas para a prática das “sessões¹⁶” onde a intenção é encontrar “picos¹⁷”, onde se possam desenvolver manobras, faz parte do *trajeto* do skatista. Fazendo parte também a frequência dos skatistas na “Skate Shop¹⁸” antes ou depois da sessão. Na maioria das vezes, constitui-se como um ponto de encontro e referência para muitos skatistas.

O *trajeto* realizado é feito, algumas vezes, através do uso do próprio skate para locomoção de um lugar ao outro, ou podem ser feitos por meios de transportes públicos e automóveis, quando o deslocamento é para uma distância maior.

¹⁶ Uma espécie de circuito e trajeto realizado pelos skatistas, quando praticam o skate principalmente nas ruas, com séries de manobras.

¹⁷ Locais, monumentos físicos, calçadas, escadas dentre outros equipamentos para a execução de manobras.

¹⁸ Lojas especializadas para venda de produtos relacionados ao esporte, skate.



Imagem 5. Skatista Cléo Vidal, modalidade “Street” Foto: Pedro Gabriel, 2012.

Numa “sessão” um grupo de skatistas percorre um *trajeto* que vai de certo local, podendo ser de uma pista, skate shop, ou das ruas da cidade, até o ponto final que, na maioria das vezes, é uma pista de skate.

Exemplo de uma sessão presenciada:

“Inicia no Centro da cidade, tendo como ponto de encontro a Skate Shop Sagaz¹⁹, partindo para a Praça do Congresso, realizando manobras, passando depois para ruas do Centro em busca de calçadas, monumentos físicos, ou qualquer outro possível obstáculo, seguindo logo após um tempo, para a pista da Ponta Negra, utilizando para chegar até o local o transporte coletivo da linha 120, que tem como parada final as proximidades da pista de skate. A sessão finaliza com o encontro de mais conhecidos, compartilhado das experiências do dia sobre manobras, conversas sobre músicas, equipamentos, acontecimentos sociais, dentre outros.” (SARMENTO 2011, Caderno de campo)

O *trajeto* se dá em busca da sociabilidade encontrada no grupo, em busca das realizações das manobras e a forma com que compartilham o conhecimento sobre a manobra. É muito difícil ver um skatista praticando o esporte só, na

¹⁹ Rua Ferreira Pena, nº 120- Centro, Manaus-AM

maioria das vezes se pratica na presença de mais de um, pois conseguem ajudar, um ao outro, em relação à execução da manobra desejada. O skate tem como uma de suas principais características a ligação dos membros entre si, pois a vibração positiva pelo acerto do outro é maior do que a competitividade encontrada em muitos outros esportes. A ajuda entre os skatistas é recíproca, um ajudando ao outro, em prol do esporte e do bem estar de cada um.



Imagem 6. Skatistas reunidos realizando uma "sessão". Foto: Não informado, 2011

Homens e mulheres praticam esse esporte, porém a prática do skate tem uma predominância masculina. Pelo fato de ser um esporte radical, que necessita força, agilidade, coragem e resistência às quedas, o público feminino foi considerado inapto para essa prática. Quando do surgimento do skate, a sociedade sofria com a distinção de papéis sexista. Por conta da educação

social feminina, muitas mulheres deixaram de praticar o esporte, sendo o skate denominado “esporte para homens”. O modelo de “sexo frágil” associado às mulheres fazia com que se afastassem do esporte e deixassem que os homens se arriscassem na prática radical do skate.



Imagem 7. Skatista Laiza Sarmiento, modalidade “Street”. Foto: Marla Freire, 2010.

Mas, os tempos mudaram, e a “cena”²⁰ do skate feminino vem crescendo com toda força no esporte, a qualidade na modalidade feminina vem aumentando, e ganhando cada vez mais credibilidade. Porém, ainda há uma parcela de preconceito e discriminação sobre as mulheres, inclusive pelos próprios

²⁰ Âmbito do acontecimento. Como: “A cena do skate em Manaus...”.

praticantes. Muitos grupos se organizam tendo em vista a conscientização de que as mulheres podem executar tão bem as manobras como os homens e, assim, a “cena” do skate feminino vem crescendo, ainda enfrentando obstáculos, porém com resistência. A proposta desta pesquisa foi feita com o objetivo de análise da prática do esporte realizada pelos skatistas na cidade de Manaus. A escolha por esta categoria deve-se a sua abrangência, por possibilitar identificar e construir totalidades analíticas mais consistentes. No meu ponto de vista, é a categoria *circuito* que abraça as demais, pois o *pedaço*, a *mancha* e *trajeto* estão inseridos no contexto interno do *circuito*. Para se formar o *circuito*, é necessário que haja um espaço de atuação dos grupos, e esta é adquirida através da dinâmica do *pedaço*, da *mancha* e o *trajeto* entre as duas, formando o *circuito*.

O *circuito* dos skatistas se faz presente e atua de forma que abraça toda a cidade de Manaus, pois, além das pistas e praça citadas, a rua é o principal cenário para a prática do skate. É esta a principal essência do skate, o “surf do asfalto”. Modificando o uso do espaço urbano, tendo uma visão diferente dos equipamentos de infraestrutura da cidade.



Imagem 8. Exemplo do uso de monumentos na cidade para prática do skate, modalidade "Street".

Foto: Não informado (s/d)

A forma com que um skatista vê a cidade física difere da noção de cidade de um indivíduo comum que não esteja ligado diretamente a esta cultura.

O skatista vê a cidade como uma espécie de "parque de diversão", pois, uma calçada, um corrimão, uma escada, um simples detalhe arquitetado para embelezar a cidade, e diversos instrumentos que, para muitos, têm uma utilidade, para o skatista tornam-se obstáculos para serem "vencidos" de diversificadas maneiras e manobras.

3.30 skate como cultura

Podemos dizer que o skate tornou-se uma cultura a partir do momento que ganhou legitimidade através de sua prática e das relações que envolvem o esporte.

Segundo Geertz²¹, a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido à suas ações. Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados.

O estilo de vida do skatista, o modo de vida adotado pelos indivíduos de dado grupo revelam características próprias e configurações semelhantes em seu modo de pensar e agir.

Bourdieu(1983) nos aponta o estilo de vida como “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hélix* corporal”, assim, o skatista individualmente compartilha ações, pensamentos conforme o *habitus*²², um sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto.

O skate faz parte da vida do indivíduo que o pratica, de forma que interfere na formação do mesmo em sociedade, o skatista tem um modo de vida peculiar.

O skate e os skatistas contam com uma série de peculiaridades, características encontradas de forma individual e coletiva. O skate está diretamente ligado à contracultura, à cultura de rua, isso leva a uma relação com as músicas, modo de vestir, modo de falar, às vezes modos de agir e até ideias que se tornam universais entre o grupo.

²¹ GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

²² BOURDIEU, Pierre. 'Gostos de classe e estilos de vida'. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.



Imagem 9. Skatista Jones Nelson, Skate Parque Ponta Negra. Foto: Iggor Lopes, 2010.

No grupo dos skatistas, a música aparece de forma diversa, encontramos uma relação muito forte com os estilos musicais como o *Rock n' roll*, o Hardcore, o Rap, o Raggae, dentre outros, porém, esses são os mais comuns e presentes entre os grupos. O skatista tem um modo de se vestir característico, único e diversificado, que acompanha as tendências da moda no decorrer dos anos. Porém, sempre muito coloridos, destacados. No início, por volta dos anos 70 a 90, a grande maioria usava roupas coladas para melhor desenvoltura das manobras e muito coloridas. Desde então, o modo de se vestir do skatista ganha espaço na sociedade, inclusive com indivíduos não praticantes, que apenas simpatizam com o modo de vestir. As roupas coladas deram lugar ao “estilo largado”, com uma grande influência do “Hip-Hop”, as calças largas, camisas grandes, tênis customizados e apropriados para a prática do esporte, bonés, dentre outros acessórios, fazem parte do modo de vestir dos skatistas. Outros escolhem diferentes modos de vestir que está relacionado aos grupos e

relações que têm, como gosto musical, que inclusive também têm suas peculiaridades e assim leva aos adeptos a se vestirem de modo similar.

O modo de vestir do skatista atualmente tornou-se tendência, marcas de roupas, sapatos, acessórios adotaram o modo skateboard. O mercado cresce e a cada dia abre mais as portas para o novo estilo, “não é preciso ser skatista, para vestir roupa de skatista”. No Japão, por exemplo, o skate também se torna um acessório para incrementar o estilo de roupa do dia-a-dia.

O “skate” é algo que faz parte do modo de vida da sociedade urbana atual, porém muitas vezes não tomamos consciência, até que seja notado. O modo de vida do skatista, a cultura skateboard, conta com regras inseridas, comportamentos, configurações que caracterizam algo ou alguém “do skate”. Parece-nos que ele toma corpo e torna-se algo independente, o skate faz parte da sociedade e a sociedade faz parte do skate, pois movimenta o mercado, a economia, comportamentos, pensamentos, estudos. A prática do skate é um leque de relações. Podemos ousar dizer que o skate se tornou uma marca, já que o mercado apropriou-se do tema, oferecendo cada vez mais artigos e acessórios relacionados ao skate. Uma marca para ser vendida já que conta com um grande número de adeptos e simpatizantes.

Por volta da década de 80 as grandes marcas/empresas passaram a apoiar e patrocinar atletas e campeonatos, já que o esporte era, e ainda é uma novidade entre os jovens que sempre costumam aderir a “novas tendências”, isso faz com que o mercado lucre, e o esporte gera pontos positivos para a economia, ocorrendo uma reciprocidade e comunicação entre os agentes. De acordo com Dias (2008)., muitos dos novos esportes juvenis foram apropriados por diversas marcas não necessariamente ligadas à produção de

equipamentos esportivos, mas que se utilizavam dessas práticas enquanto um canal de comunicabilidade.

A prática do skate também é uma forma de dispositivo para projetos sociais para crianças, jovens e adultos. Envolve muitas relações que revelam diversas vezes uma preocupação muito grande com a formação de indivíduos na sociedade, sendo o skate responsável por (re) inserir indivíduos ao meio de vida não marginalizado, com projetos sociais em Penitenciárias, áreas periféricas, com pessoas de baixa renda e assim, reintegram a cada dia mais grupos de atletas, preocupados com o esporte e novo meio de vida com qual estão se relacionando. O skate é para o skatista “um grande amigo”, que proporciona relações, prazer por praticar, saúde, atenção, transporte, diversão, lazer e trabalho, dentre outros, dependendo apenas do skatista. Um esporte individual de uma coletividade incomparável frente aos outros esportes.



Imagem 10. Imagem compartilhada em sites de relacionamento como “Facebook”, elaborada pelos próprios skatistas.
Foto: Não informado

Existe um preconceito, muito presente sobre a cultura do skate, que é a marginalização dos indivíduos que praticam o esporte. O fato de ser uma cultura ligada à cultura de rua, vulnerável ao uso de drogas lícitas e ilícitas, o uso de entorpecentes, em casos ligados a atos de vandalismo, dentre outros fatores vistos pela sociedade como um grande potencial à marginalidade.

O uso de drogas, entorpecentes, encontra-se em todos os lugares e grupos, e não só em relação aos movimentos de “contracultura” como a Pichação, o Grafite, o movimento Punk e Hip-Hop, de fato presentes junto ao modo de vida do skatista, porém são resultados de uma escolha, não é de forma generalizada a adoção dos mesmos. O preconceito sobre a marginalização do esporte deve ser quebrado, e é em prol deste princípio que ocorrem muitos debates e busca por apoio ao esporte que transforma a vida de muitos que o praticam.

O skate abrange diversos meios na sociedade urbana atual. E como cultura, como algo propriamente legítimo, condições configuradas pelos próprios praticantes e simpatizantes, oferecendo uma pluralidade de métodos para “entrar no mundo do skate”. Geertz nos aponta que

“a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.”(GEERTZ, 1973 p.20)

Produções como filmes, vídeos, livros, revistas e, ultimamente, trabalhos acadêmicos, são instrumentos de informação que dão possibilidade de conhecer melhor a história da prática do skate. Como o filme “Lords of

Dogtown”²³, que retrata a história do skate através de um grupo os “Z-boys”, influente grupo de skatistas que revolucionou a prática do skate nos anos 70.

Outros filmes e documentários foram lançados em todo o mundo até hoje, que retratam a história do skate, de skatistas. No Brasil, um documentário muito conhecido sobre o tema é “Dirty Money”²⁴ que conta a história de como surgiu a iniciativa de produzir vídeos sobre o skate no país.

A “cena” do skate se comunica através da mídia, o centro de informação dos acontecimentos sobre o esporte, sobre manobras, sobre os skatistas, tendências, dentre outros circula através de uma mídia aberta e principalmente própria dos skatistas, através de revistas, sites, blogs, redes sociais e vídeos, que inclusive são produzidos pelos próprios skatistas e também pelas marcas e empresas patrocinadoras. Os vídeos relacionados ao skate são fortes aliados para comunicação da prática no mundo. É através desse veículo de informação que novas manobras são conhecidas e compartilhadas, habilidade de skatistas, e um meio de encontrar patrocínio de marcas e apoio à prática.

No ano de 2010, foi lançado o filme “Skate Salva”, em Manaus, produzido pelos próprios skatistas. O vídeo foi filmado e editado por Adonis Perfeito, as animações e a parte gráfica ficaram a cargo de Wesley Silva, e a divulgação e a organização do evento ficaram a cargo de Ulysses Boca. O vídeo demonstra a importância que o skate tem na vida daquele que o pratica e a forma como contribuiu no modo de vida.

O *circuito* dos skatistas em Manaus é muito amplo. Pois, quando tratamos a respeito do espaço e o uso dos equipamentos urbanos, encontramos a sociabilidade que ocorre em praticamente toda a cidade de Manaus. Em cada

²³ É um filme estadunidense, 2005. Dirigido por Catherine Hardwicke e escrito por Stacy Peralta.

²⁴ É um documentário brasileiro, 2010. Dirigido por Alexandre Vianna e Ricardo Koraicho e roteiro por Marcelo Veloso que retrata o skate nos anos 80 e 90 no Brasil.

bairro há um *trajeto* específico de lugares mais frequentados pelos skatistas das proximidades.



Imagem 11. Skatista Marcelo Fernandes “Cabecinha” Foto: Pedro Gabriel, 2012.

Mas, grande parte dos skatistas da cidade se encontra num *circuito* mais frequente. Como a grande presença dos skatistas em lugares próximos aos “picos” de skate. O posto de gasolina que fica ao lado do Parque dos Bilhares, é um dos pontos de encontro de skatistas e outros grupos e pessoas, que escolhem o local para descontração, encontrando pessoas conhecidas, que compartilham dos mesmos gostos. A loja de conveniência no posto colabora para o uso daquele espaço para momento de lazer dos jovens.

Como ocorre também no Centro da cidade, nas proximidades da Praça do Congresso, no alto da Avenida Eduardo Ribeiro, há muitos bares que servem como ponto de encontro de skatistas e outros grupos.

A prática do skate, sendo analisada através do comportamento do grupo é muito ampla. Neste estudo, ainda não foi possível compreender todas as

relações propostas, porém, até o momento trouxe vários aspectos a partir de uma visão antropológica, dando visibilidade a grupos sociais como o dos skatistas que têm tamanha importância para a dinâmica social urbana.

4. CONCLUSÃO

Considerando que as relações são formadas pela dinâmica das pessoas em sociedade, onde os atores sociais fazem com que haja a interação com a paisagem urbana.

Os skatistas fazem parte de um grupo de jovens que ao mesmo tempo em que compartilham e estão inseridos numa cultura, conseguem dialogar com muitas outras culturas, sem deixar de serem “nativos” do grupo de origem. O fato de praticar o skate remete a uma sintonia que independe da relação direta com um grupo específico. Ser skatista é praticar o esporte, porém não somente, é também compartilhar o gosto pelo skate, e pelas demais relações que estão em volta, é o que podemos chamar de resultado das grandes abrangências sociais que o skate pode acolher.

No decorrer da pesquisa foram expostas algumas das características principais e configurações sociais presentes na prática do skate. A forte relação com o desportista e o objeto, a forma com que este objeto é inserido no modo de vida do skatista e das pessoas relacionadas ao esporte. O skate deixa de ser só uma prática e é acolhido nos conceitos de esporte. Abrindo espaço para mais adeptos que buscam saúde, diversão e sociabilidade. O skate é um esporte onde podemos encontrar diversidade em suas modalidades, aberto a todos os públicos, sem diferenciação de gênero.

O intuito desta pesquisa era identificar e analisar a importância da prática do skate para a sociedade urbana, tendo em foco Manaus. Qual a importância da prática do skate para a sociedade?

Um forte aliado para o bem estar físico e psicológico, pois devido às atividades físicas exigidas para execução das manobras, e a habilidade e equilíbrio ajudam a manter uma carga de exercícios profícua para o praticante. Bem estar psicológico, é um dos resultados que o skate oferece a muitos de seus praticantes. Concentração é fundamental, e tal atenção pode ajudar a liberar tensões mentais e corporais, fornecendo resultados positivo para aquele que o pratica. Âmbito de sociabilidade entre diversos meios e classes, idades e gênero, a prática do skate abraça todos os indivíduos sem nenhuma diferenciação social.

E para a sociedade urbana em geral, a prática do skate colabora com a economia e acompanha a velocidade da globalização. O esporte e grupo citados nesta pesquisa destacam-se como fortes aliados para a sociedade e os indivíduos, seu estereotipo social marginalizado deixa “por baixo dos panos” a importância atual da prática do skate para a sociedade urbana contemporânea.



Imagem 12. Skatista Maikon Quaresma Foto: Pedro Gabriel, 2012.

O estudo sobre o skate, e tudo o que o envolve e é envolvido por ele, é de importância para a sociedade, e uma grande fonte para os estudos antropológicos. Nesta pesquisa não foi possível, em primeiro momento, compreender todos os fenômenos sociais presentes na “na cultura skateboard”, porém é necessário mais cautela e aprofundamento ao tema, quem vem sendo escolha e indagação para diversas áreas de estudos, fortalecendo a análise e a compreensão da prática do skate que tem sido de tanta importância para o âmbito social.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que apoiaram esta pesquisa, primeiramente à minha orientadora Prof^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, por todo apoio e ajuda. Gostaria também de agradecer à minha família por acreditar e apoiar todo meu trabalho. Aos meus amigos e ao meu companheiro intelectual Ícaro. Agradeço também aos skatistas de Manaus, que receberam minha pesquisa de braços abertos. Ao Comitê (PIBIC) pelas considerações e por ter me dado a oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

6. FONTES E REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita. O Homem Urbano. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/>> Acesso 05 mai. 2011.
- _____. Os Grupos Urbanos. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/>> Acesso 05 mai. 2011.
- BORDEN, I. Skateboarding, space and the city. In: Architecture and the body. Reino Unido: Berg, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. 'Gostos de classe e estilos de vida'. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Cultura na Rua. Campinas: Papirus, 1989.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: _____. O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP/Paralelo 15, 2ª Edição, 1998.
- DELGADO, M. La ciudad mentirosa. Madrid: Catarata, 2007.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; MELO, Victor Andrade de. A mundialização e os esportes na natureza. In Conexões (UNICAMP), v.6, nº1, 2008.
- FONTES, A. S. O Skateboarding como intervenção: apropriação temporária e identidade no centro de Barcelona. **VIRUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 13 nov. 2011.
- GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LCT, 1989.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. Antropologia em Primeira. Mão, n. 24, 1998.
- MAGNANI, J.G.C e TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: _____. Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana, São Paulo: EDUSP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. Tribos urbanas, metáfora ou categoria?. Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 2 (2), 1992.

- _____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49): 11-29, 2002.
- MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: objeto, métodos e alcance desta pesquisa, In: GUIMARAES, Alba Zahur. *Desvendando Máscaras Sociais* (org). Trad. Olga Lopes Cruz, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, p. 39-61, 1980.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 2ª Edição, São Paulo: Abril Cultural, - Os Pensadores, 1978.
- MURAD, Mauricio. *Sociologia e Educação Física: diálogos, linguagens do corpo, esportes*. Rio de Janeiro: FGV, 2009
- OLIVEN, Ruben George. *O Metabolismo Social da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1974.
- OLIVEN, Rubem George. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PAIS, José Machado & BLASS, Leila (orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume/Capes, 2004.
- RAMONEDA, J. *La ciudad del presente continuo*. In: *Post-it City. Ciudades Ocasiones*. Barcelona: CCCB, 2008.
- SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history, *Cadernos Pagu*, nº 3, 1994.
- _____. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.
- SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Otávio G (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física, esporte e diversidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- VELHO, Gilberto. (Org.). *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VELHO, Otávio G.(org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VELHO, Gilberto. O Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto & MACHADO, Antonio. Organização Social do Meio Urbano. In: Anuário Antropológico 76, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G. (org.) - O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otávio G. (org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Nº	Descrição	Ago 2011	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2012	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1.	Revisão bibliográfica	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x
2.	Coleta de material histórico		x	x									
3.	Trabalho de campo			x	x	x		x	x	x			
4.	Organização dos dados								x	x	x		
5.	Apresentação oral parcial				x								
6.	Apresentação relatório parcial						x						
7.	Elaboração do Resumo e Relatório Final								x	x	x	x	
8.	Preparação da Apresentação Final para o Congresso											x	x

Obs.: As lacunas preenchidas com (x) são os procedimentos a serem realizados.

As lacunas preenchidas com (x) e destacadas com a cor verde(x), são os procedimentos já realizados.